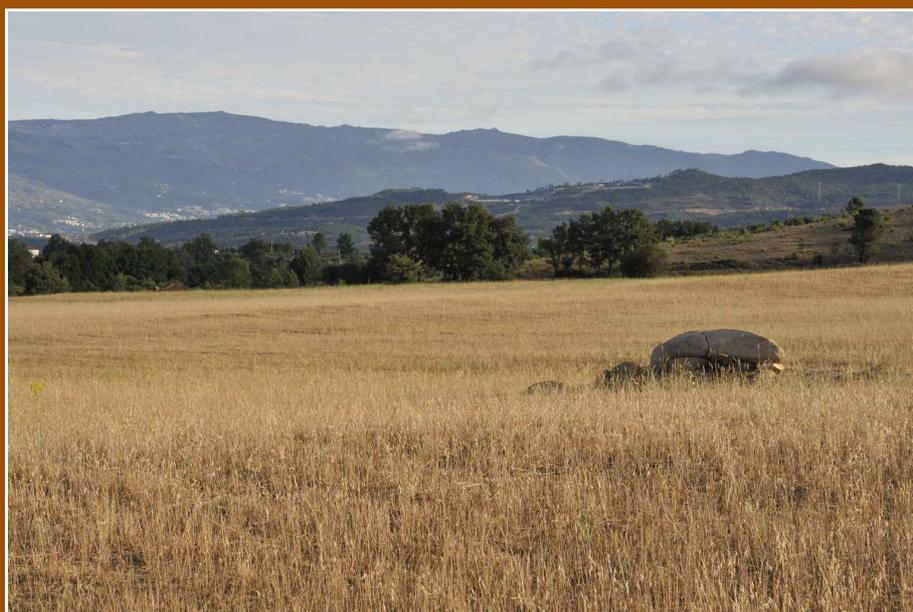


A ESTÁTUA-MENIR DE CORGAS (DONAS, FUNDÃO). CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA IDADE DO BRONZE NA BEIRA INTERIOR

The Statue-menhir of Corgas (Donas, Fundão).
Contribute for the Bronze Age Study in Beira Interior

Carlos Banha¹, André Mota Veiga² e Sara Ferro³



Palavras-chave: Estátua-menir, menir, Idade do Bronze, Calcolítico, Corgas, Donas, Fundão

Key words: Statue-menhir, menhir, Bronze Age, Chalcolithic, Corgas, Donas, Fundão

¹ Arqueólogo, IGESPAR, I.P. – Extensão da Beira Interior: beirainterior@igespar.pt.

² Arqueólogo, mota_veiga@hotmail.com.

³ Arqueóloga, sara.ferro@sapo.pt.

Resumo

Neste artigo dá-se notícia da descoberta de uma estátua-menir no sítio de Corgas, junto à localidade de Chãos, freguesia de Donas, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco. Identificada em 2008, a estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão) corresponde a um reaproveitamento de um menir de cronologia neo-calcolítica em época posterior (Idade do Bronze). Foi talhado num bloco de granito de grandes dimensões e mede 2,80 m de altura e 0,65 m de largura máxima. A forma fálica do menir foi afeiçoada de modo a conferir-lhe um aspecto antropomórfico. Apresenta decoração em duas faces lateral e frontal. Fazem parte dos motivos representados uma figura bi-âncoriforme, uma espada, correias de suspensão e uma covinha. Pela iconografia apresentada, podemos enquadrar este monumento no grupo das chamadas estelas alentejanas ou de tipo I da Idade do Bronze, mais especificamente no sub-tipo IA, com uma cronologia atribuível a meados do II milénio a.C.

Abstract⁴

This paper presents the discovery of one statue-menhir in the place of Corgas close to Chãos village, parish of Donas, municipality of Fundão, district of Castelo Branco. Identified in 2008, the statue-menhir of Corgas (Donas, Fundão) corresponds to a reutilization of a menhir with neo-chalcolithic chronology in later times (Bronze Age). It was carved in a granite block of big size measuring 2,80 m high and 0,65 m of maximum width. The menhir's phallic shape was structured in a way that it confers an anthropomorphic appearance. It presents decoration in the lateral and frontal sides. Part of the represented motives are a *bi-ancoriforme* figure (figure usually represented by a double axe), a sword, suspension straps and a small hole. Through the presented iconography, this monument can be framed in the group of the so called *alentejanas* steles (from the region of Alentejo-South of Portugal) or of type I from the Bronze Age, more specifically in the sub-type IA, chronologically attributed to the middle of the II millennium b.C.

⁴ Tradução de Hugo Cortez.

1. Condições da descoberta

O menir de Corgas foi identificado por um dos signatários deste artigo⁵, na sequência da comunicação da sua descoberta por um agricultor local⁶, que tendo observado no monólito uma “gravura” em forma de “faca”, solicitou uma primeira análise do monumento.

Após a comunicação da identificação do menir à Extensão do IGESPAR, I.P. na Beira Interior, este serviço procedeu à sua caracterização e inventário na base de dados Endovélico⁷.

Durante os trabalhos de caracterização constatou-se que o monólito, identificado inicialmente como um menir decorado, correspondia de facto a uma estátua-menir talhada num bloco granítico de grandes dimensões, tendo-se colocado desde logo a hipótese do reaproveitamento de um menir de cronologia neo-calcolítica em época posterior (Idade do Bronze).

Verificou-se também que o monumento se encontrava depositado em posição secundária junto de um afloramento granítico — onde de resto eram visíveis blocos de granito de menores dimensões, acumulados em resultado da despedrega do terreno — não muito longe do provável local de implantação original, situado cerca de 10-15 m a nascente do ponto onde foi descoberto⁸.

A remoção da estátua-menir para este local foi efectuada com recurso a meios mecânicos alguns anos antes da sua identificação, durante trabalhos limpeza do terreno⁹. Esta acção provocou profundas “cicatrizes” e alguns destacamentos pétreos no monumento, sem no entanto ter afectado a área decorada.

Após contacto com a proprietária¹⁰ do terreno onde o monumento se encontrava e com os filhos do rendeiro, procedeu-se ao registo gráfico da estátua-menir, tendo sido efectuada o seu desenho à escala 1:10 e o decalque das insculpturas com plástico cristal.

Posteriormente, após autorização do rendeiro do terreno para a remoção da estátua-menir, contactou-se a Câmara Municipal do Fundão no sentido de se proceder à salvaguarda do monumento, sendo que, após deslocação ao local do Dr. João Mendes Rosa, Director do Museu Arqueológico José Monteiro e avaliação do estado de conservação do monumento por um técnico de conservação e restauro daquela entidade, se procedeu à sua trasladação para o Museu Arqueológico José Monteiro, onde se encontra actualmente exposto.

⁵ André Mota Veiga.

⁶ Sr. Joaquim Gerales Patrício, proprietário da Quinta dos Amieirais.

⁷ CNS 30694.

⁸ Informação de um dos filhos do Sr. Canárias, rendeiro do terreno.

⁹ Situação confirmada no local pelo Sr. António Canárias e filhos.

¹⁰ Sra. Maria Isabel Trigueiros Martel e Prezado. Agradecemos as diligências da Sra. Maria da Piedade Trigueiros junto da proprietária no sentido da preservação da estátua-menir de Corgas.

2. Localização e ambiente natural

A estátua-menir foi encontrada num terreno de uso agrícola, com o micro-topónimo de Corgas, situando-se a cerca de 500 m noroeste de Azenha Nova e cerca de 250 m sudeste de Rasa, medindo 440 m de cota. A oeste, aproximadamente a de 500 m corre a ribeira do Carvalho e a nordeste, a pouco mais de 1 km, a ribeira da Farinha.

O substrato rochoso é constituído por quartzodioritos e granodioritos biotíticos, pertencendo à zona Centro Ibérica, bordo sudoeste.

Situando-se em plena Cova da Beira, neste local é possível avistar praticamente todas as elevações que delimitam esta sub-região, desde os contrafortes da Estrela, às cumeadas da Serra da Gardunha e mesmo as elevações mais reduzidas no interior da Cova da Beira, como a Serra de Peroviseu. Estes terrenos que resultam da decomposição dos granodioritos estão actualmente ocupados com a cultura de cereais.

O sítio, próximo da localidade de Chãos, pertence à freguesia de Donas, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco e tem as seguintes coordenadas geográficas GPS N 40° 08' 43.0"; W 007° 27' 08.4" (Datum Europeu 1950).

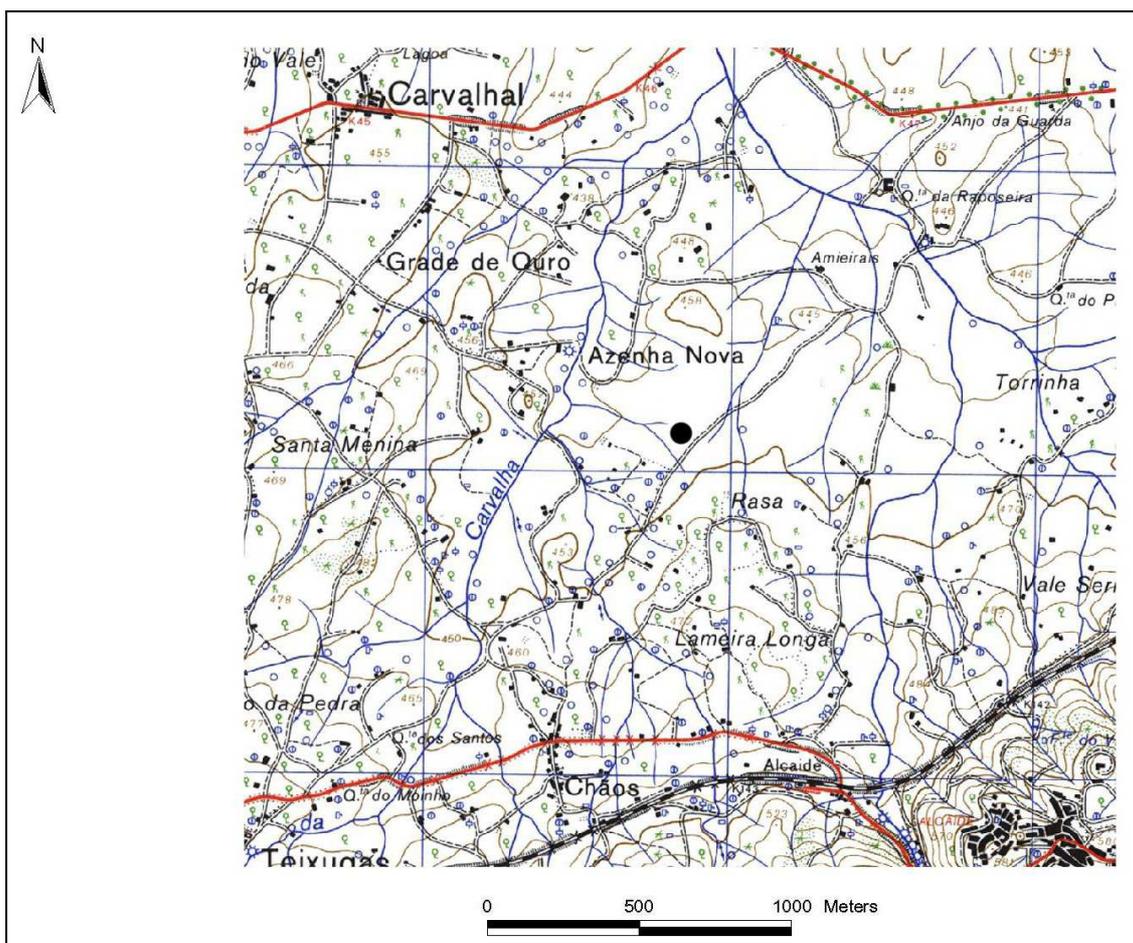


Figura 1. Localização do sítio arqueológico de Corgas na Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha 246 – Fundão.

3. O monólito

A estátua-menir de Corgas foi talhada num grande bloco de granito de cor bege e esculpida em duas faces, frontal e lateral. Apresenta forma ovóide com um comprimento de 2,80 m e uma largura máxima de 0,65 m.¹¹ Possui uma longa fractura antiga na face não decorada. Trata-se, em nosso entender de um menir marcadamente fálico reaproveitado em época posterior, ao qual se procurou dar um aspecto antropomórfico, nomeadamente delimitando a zona da cabeça por uma “gola” (medindo 0,14 m de altura).

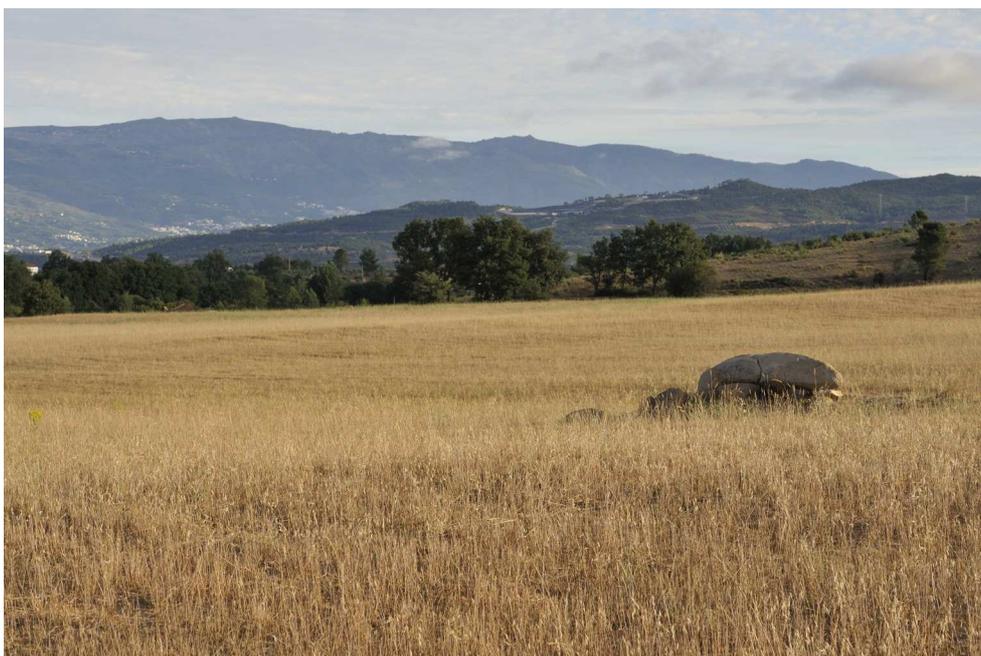


Figura 2. Estátua-menir de Corgas – localização.

4. Decoração

A estátua-menir de Corgas apresenta ao centro a 0,16 m da gola um objecto bi-ancoriforme insculturado (com o comprimento máximo de 0,72 m, e com uma largura máxima de 0,16 m na figura ancoriforme superior e de 0,115 m na figura ancoriforme inferior). O objecto bi-ancoriforme apresenta-se em alto-relevo tendo sido rebaixada a zona envolvente. Um sulco com cerca de 0,01 m ligando a zona da gola a este objecto representa uma das correias que o fixavam ao pescoço do indivíduo. Presa também por correias está a espada que aparece gravada a 0,25 m do ancoriforme. Aqui a técnica é ligeiramente diferente, sobressaindo algum relevo na zona do punho, sendo a lâmina representada apenas por um sulco. A lâmina mede 0,57 m de comprimento, sendo a sua largura junto ao punho 0,05 m. A altura do punho é de 0,165 m e a sua largura máxima de 0,09 m. Pode observar-se também a 0,25 m da espada uma covinha com 0,125 m de diâmetro e 0,01 m de profundidade máxima. A parte inferior apresenta-se sem decoração, parecendo destinar-se à implantação no solo.

¹¹ Medições efectuadas *in situ*.



Figura 3. Estátua-menir de Corgas.



Figura 4. Estátua-menir de Corgas, pormenor.



Figura 5. Estátua-menir de Corgas, pormenor.

5. Comentário

Os elementos decorativos encontram-se em relevo, sobressaindo o objecto bi-ancoriforme central, relativamente às correias e à espada. Esta última apresenta uma técnica de gravação mais próxima da incisão sendo a lâmina desenhada apenas por um sulco, mas no punho apresenta algum relevo.

A presença destes motivos, leva-nos a enquadrar a estátua-menir de Corgas nas chamadas estelas alentejanas ou de tipo I da Idade do Bronze, mais propriamente no sub-tipo I A.

Paralelos mais próximos para este caso pudemos encontrá-los na estela da Tapada da Moita, Castelo de Vide (OLIVEIRA, 1995, p. 100-101), tratando-se aí de uma laje de granito porfiróide de recorte antropomórfico decorada numa das faces com uma figura bi-ancoriforme, fixada por correias e uma espada. A representação do objecto ancoriforme e da espada são extremamente semelhantes ao exemplar de Corgas, diferindo apenas ligeiramente o punho da espada que no caso da estela da Tapada da Moita termina de forma arredondada.

A estela da Defesa, Alvalade, Santiago do Cacém (VASCONCELOS, 1908, p. 300-301; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 57-58), também apresenta os mesmos motivos (espada, bi-ancoriforme e correias), mas a semelhança da arma não é tão grande como no caso da estela da Tapada da Moita, apresentando-se esta na diagonal e sob o objecto central – o bi-ancoriforme.

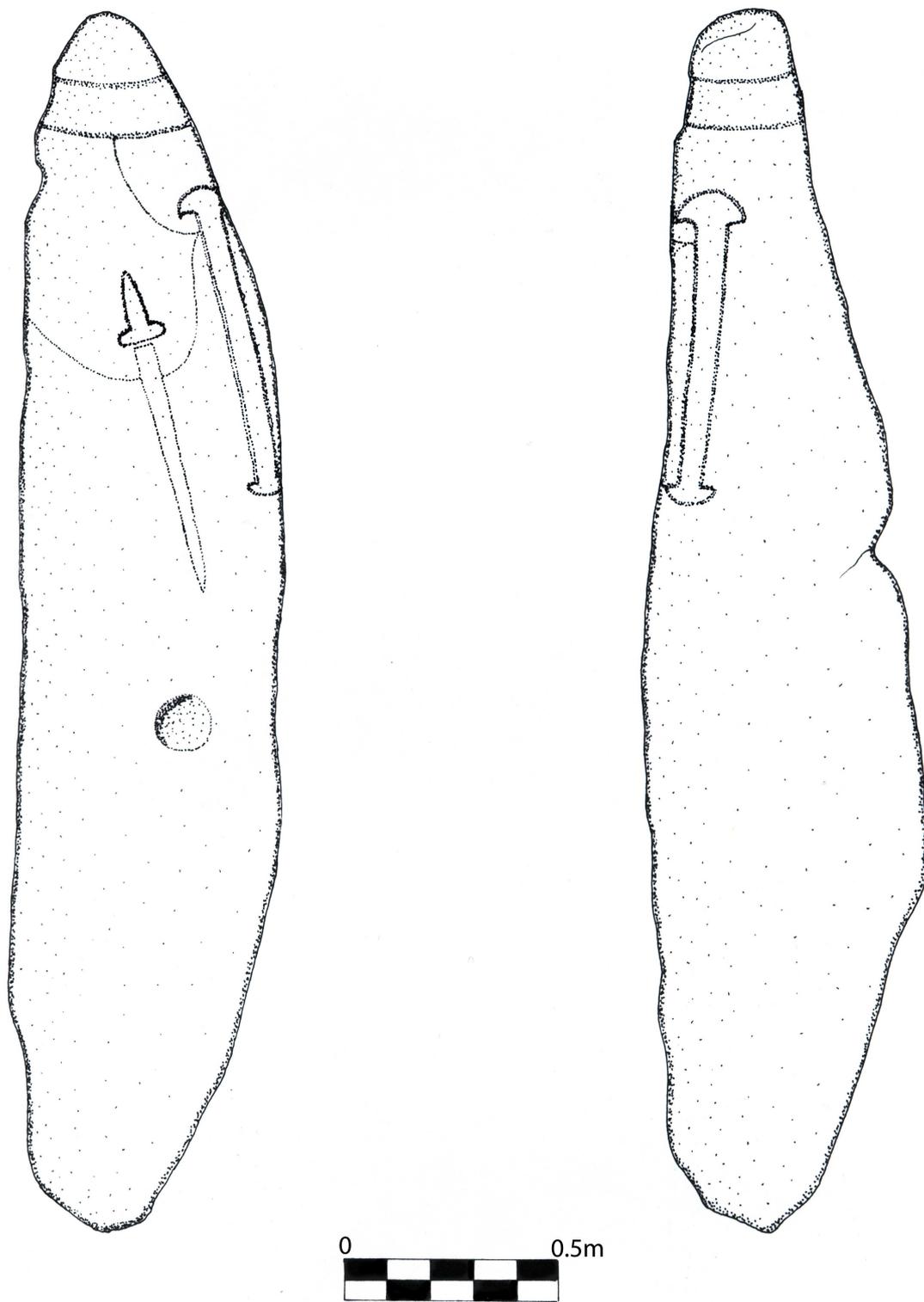


Figura 6. Estátua-menir de Corgas.

Pertence também ao subtipo I A, como as anteriores, a estela de Abela, Santiago do Cacém (HELENO, 1933, p. 186-189; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 63-65). Esta grande laje de xisto apresenta as armas em relevo: espada com cinturão de suspensão, alabarda encabada, bi-âncoriforme e outros objectos de difícil identificação.

O motivo ancoriforme aparece também em destaque e isolado na estela de Alfarrobeira, Silves (GOMES, 1994, p. 27-30) e ainda nas estelas de Panoias, Ourique (VASCONCELOS, 1908, p. 301-302; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 59-60) Trigaxes II, Beja (VASCONCELOS, 1906, p. 183; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 46-47) e Mombeja II, Beja (VASCONCELOS, 1906, p. 185; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 50-51), mas nestes casos por estarem fragmentadas não é possível saber que outros motivos poderiam decorá-las. As figuras de ancoriforme e espada surgem também nas estelas de Passadeiras, encontradas no concelho de Silves (GOMES, 1994, p. 76, 86 e 88), bem como na estela do Monte de Abaixo (São Brissos, Beja) (GOMES, 2006, p. 53-55), aqui associadas a machado e círculo. A uma distância um pouco maior, já na zona de Córdova, o exemplar de El Torcal apresenta também a figura do ancoriforme. Inicialmente classificada como estela de tipo alentejano (CANO NAVAS, 1977), mais recentemente, na sequência da descoberta de outros motivos decorativos (machado, objecto indeterminado de forma rectangular e grupo de covinhas expostos na outra face), foi proposta uma nova interpretação para a mesma, podendo tratar-se de uma estátua-menir, cravada no solo, vinculada ao fenómeno megalítico, relacionando-se com as vias de comunicação e confluência de caminhos, num contexto de sacralização do espaço (MUÑIZ JAEN, 1995).

O sub-tipo I A enquadrável na II Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, corresponde às estelas mais antigas, de dimensões maiores, com objecto ancoriforme ao centro a que se associa por vezes uma espada longa e por vezes uma alabarda de tipo Montejicar, apresenta uma maior distribuição geográfica (GOMES, 1995, p. 135). Terão surgido por volta de 1600/1500 a. C. por analogia com a cronologia absoluta atribuível às armas aí representadas (materiais exumados em Mesa de Setefilla, Sevilha). O ancoriforme é quase sempre duplo sendo a parte superior maior com as duas extremidades curvadas e a inferior de dimensões mais reduzidas, maioritariamente com as extremidades rectas, o que acontece também no exemplar que agora damos a conhecer.

No sub-tipo I B, o ancoriforme perde importância e tamanho e associam-se aos artefactos mencionados, machados, goivas e outros objectos. Estes monumentos com cronologia entre 1500 e 1300 a. C. distribuem-se principalmente pela região de Beja (GOMES, 1995, p. 135). Têm grande semelhança com o exemplar de Corgas os motivos ancoriformes presentes nas estelas de Assento, S. Vitória (VIANA & RIBEIRO, 1957, p. 56; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 97-99) e S. Vitória (VASCONCELOS, 1906, p. 182; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 41-43) e as representações de espadas existentes nas estelas de Assento, S. Vitória; S. Vitória; Pedreirinha, S. Vitória (VIANA & RIBEIRO, 1957, p. 50 e 54; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 95-96), Trigaxes I, Beja (VASCONCELOS, 1906, p. 183; ALMAGRO BASCH, 1966, p. 44-45) e S. João de Negrilhos, Aljustrel (ALMAGRO BASCH, 1966, p. 116-117). Com excepção desta última, a técnica utilizada, também no caso da estátua-menir de Corgas, é o relevo obtido a partir do rebaixamento, maior ou menor conforme os casos, da pedra em torno dos motivos a definir.

O objecto ancoriforme ou bi-ancoriforme encontra-se ausente até ao momento dos contextos arqueológicos. Possivelmente seria feito em materiais perecíveis. Segundo M. V. Gomes, (1995, p. 135):

“esta representação lunular, figurando o principal astro da noite poderá ter tido protótipos em artefactos semelhantes aos que também serviram de modelo às lúnulas calcólicas, de calcário, e representaria um símbolo de autoridade do foro sócio-religioso.”

Relativamente à arma representada, a espada não é muito frequente nos contextos materiais, nomeadamente funerários, provavelmente porque eram sucessivamente transmitidas aquando da morte dos seus detentores. Este tipo de espadas foi importado do mediterrâneo Central ou Oriental e mais tarde reproduzidas a nível local. Encaradas como verdadeiras insígnias de carácter ético-social, demonstravam o carácter de chefia dos seus possuidores, auferindo de grande valor material e emblemático (GOMES, 1995, p. 135).

O reaproveitamento de menires em Idade do Bronze como estátuas-menires não é inédito. São disso exemplo os monumentos transmontanos de Bouça (Mirandela, Bragança) e Chaves (Vila Real). O primeiro apresenta duas covinhas na face plana e tem um carácter marcadamente fálico surgindo no topo da sua face convexa um pequeno círculo interpretado como meato uretal e mais abaixo um semi-círculo que poderia corresponder à delimitação da glande de um pénis. Ostenta ainda na sua face convexa um enorme motivo sub-rectangular, semelhante aos que aparecem em outras estátuas-menires, relacionado com a representação de entidades armadas (SANCHES, 1995, p. 26). A estátua-menir de Chaves, também de carácter marcadamente fálico representa um indivíduo honorificado acompanhado de espada longa, um punhal e uma faca. Tanto a cabeça como a cintura estão bem marcadas e nas costas apresenta um atributo de forma rectangular alongada com aspecto de estola (JORGE, 1995b, p. 26).

Foi também reaproveitado um menir na estela de S. Martinho II (Castelo Branco), sendo esta um monólito de forma fálica decorado com uma cena de caça, em que aparece uma figura humana, um cão e outros animais e a representação de algumas armas bem como outros objectos pessoais do indivíduo. Neste caso estamos perante um monumento atribuível já ao Bronze Final, pertencente às estelas decoradas (de tipo II ou estremenho) (ALMAGRO BASCH, 1966, p. 36-37; SILVA & GOMES, 1994, p. 246).

Contudo, o caso mais próximo do monumento que agora damos a conhecer é o exemplar algarvio de Alfarrobeira, a que já nos referimos, quer do ponto de vista iconográfico quer cronológico; também aí foi reutilizado um menir que se aplanou e no qual se representou um objecto ancoriforme suspenso por correias.

Na Beira Interior e mais particularmente na Cova da Beira são praticamente desconhecidos contextos arqueológicos imediatamente anteriores ao Bronze Final e mesmo deste período, para além do trabalho de Raquel Vilaça (1995a), não houve até ao momento estudos nesta região para aquela época. Conhecem-se no concelho do Fundão alguns povoados com ocupação do Bronze Final: S Roque (Donas), Cabeça Gorda (Peroviseu), Cabeço de Escarigo (Escarigo), Tapada das Argolas (Capinha), Covilhã Velha (Vale Prazeres) e Cabeço de Argemela (Lavacolhos), tendo sido apenas este último alvo de trabalhos arqueológicos. Segundo Raquel Vilaça é possível que S. Roque e Tapada das Argolas tenham ocupação mais antiga, uma vez que forneceram artefactos da segunda metade do III milénio a.C., como as pontas de lança em cobre de tipo Palmela expostas no Museu Arqueológico Municipal José Monteiro (VILAÇA, 2007,

p. 39). No mesmo museu, existe também uma estela insculturada proveniente da Ribeira de Santa Maria das Donas provavelmente de cronologia calcolítica (MONTEIRO, 1978, p. 29 e 61). É de salientar, em nosso entender, a proximidade destes achados relativamente à estátua-menir de Corgas, bem como o período cronológico a que se reportam, uma vez que também o monumento de Corgas terá sido utilizado em contextos do Calcolítico. No concelho foram também encontrados importantes achados tais como o depósito de Ervedal (Castelo Novo) e os machados de talão e duas argolas da Capinha, ambos enquadráveis na Idade do Bronze Final. (VILAÇA *et al.*, 2000). Relativamente ao Bronze Inicial e Médio são escassos os materiais que eventualmente se poderiam integrar nesse período cronológico na região. Não se conhecem locais de habitação ou sepulturas, existindo apenas alguns achados soltos e dispersos que pouca informação nos dão. Foram encontrados machados planos de cobre e bronze que poderão corresponder à primeira metade do II Milénio a.C. em Escalos de Baixo (Castelo Branco), Vila Velha de Ródão, Monsanto, S. Judia e Corgos (Idanha-a-Nova). É de Medelim (Idanha-a-Nova) uma ponta de seta de folha lanceolada e pedúnculo longo de cobre, atribuível à primeira metade do II Milénio e poderá ser também deste período umas argolas de ouro encadeadas encontradas em Gibaltar (Covilhã). Dos povoados escavados e estudados por Raquel Vilaça nesta região, apenas o Monte do Frade tem ocupação anterior ao Bronze Final, tratando-se provavelmente, pela dimensão exígua do mesmo, de uma residência rural de alguém com posição privilegiada (visível pelos materiais exumados) (VILAÇA, 1995b, p. 127-129).

Conhecem-se até ao momento cinco monumentos «estelas» na Beira Interior, enquadráveis no sub tipo II: Baraçal (Sabugal) (CURADO, 1984), Fóios (Sabugal) (CURADO, 1986), Meimão (Penamacor) (RODRIGUES, 1958) e S. Martinho I, II e III (Castelo Branco) (ALMAGRO BASCH, 1966, p. 32- 39), com cronologia já do Bronze Final e ainda outros três monumentos de cronologia anterior, descobertos um no concelho de Meda, outro no concelho da Guarda e um último no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. O primeiro, conhecido como estela de Longroiva representa uma figura masculina com as suas armas (uma alabarda do tipo Carrapatas, atribuível ao Bronze Antigo, um arco e um punhal de lâmina triangular) (JORGE, 1995a, p. 22); o segundo, a estátua-menir de Tapada, Demoura, Guarda, representa também uma figura masculina gravada em baixo relevo, onde se destacam o rosto, o colar, o cinto e os braços, apresentando ainda as mãos de forma bastante naturalista, contrariamente ao rosto que ocupa grande parte da peça e aparece de forma estilizada (SILVA, 2000, p. 229-236). A estátua-menir de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo) é um monólito representando a figura humana decorado numa das faces com uma figura subtrapezoidal interpretada como insígnia de poder, apresentando em cada um dos lados da figuração um conjunto de sulcos bem marcados horizontais e paralelos. A outra face insculturada também apenas no terço superior apresenta uma espada embainhada suspensa por correia, protegida por conteira de contorno elipsoidal e uma figura sub-rectangular muito alongada, talvez o cabo, provavelmente de outra arma. Segundo os autores que estudaram a peça a tipologia da espada remeterá para uma cronologia de finais do 1.º - 2.º quartel do II milénio a.C., ou seja um momento avançado do Bronze Antigo / transição para o Médio (VILAÇA *et al.*, 2001). Destes três monumentos, sem dúvida este último exemplar do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, é o que se aproxima mais (quer do ponto de vista escultórico, quer conceptual) da estátua-menir de Corgas. Contudo pelo que já foi referido, apontamos uma cronologia ligeiramente posterior para a peça que agora apresentamos, ou seja do Bronze Médio.

Recentemente, Primitiva Bueno Ramirez, R. Balbín Behrmann e R. Barroso Bermejo (2005), num artigo onde estudavam os diferentes grupos de representações antropomórficas peninsulares defendiam a contemporaneidade das estelas e estátuas do grupo norte ocidental (onde incluía

entre outras, Ataúdes, Tremedal e Valdefuentes) com as denominadas estelas alentejanas. De facto, o exemplar de Corgas apresenta afinidades com os dois grupos.



Figura 7. Distribuição das estelas alentejanas subtipo A segundo M.V. Gomes (2006, p. 52), com a inclusão de Corgas (26): 1, Alfarrobeira; 2, Trigaches II; 3, El Torcal; 4, Tapada da Moita; 5, Defesa; 6, Panóias; 7, Abela; 8, Passadeiras I; 26, Corgas. Subtipo B: 9, Santa Vitória; 10, Pedreirinha; 11, Ervidel I; 12, Assento; 13, Castro Verde; 14, S. Salvador; 25, Monte de Abaixo; 15, S. João de Negrilhos; 16, Trigaxes I; 17, Gomes Aires; 18, Mourços; 19, Passadeiras II; 20, Passadeiras III. Subtipo indeterminado: 21, Mombeja I; 22, Mombeja II; 23, Mombeja III; 24, Marmelete.

6. Considerações finais

A função deste tipo de monumentos não é ainda hoje pacífica entre os autores que os têm estudado. No caso das estelas de tipo I (denominadas alentejanas) decoradas com os atributos ligados ao poder, político, militar e talvez económico e religioso, para alguns têm uma função claramente funerária funcionando como tampas de sepultura¹² ou segundo M. Varela Gomes como verdadeiras estelas, “estelas e não tampas” (2006, p. 50) colocadas na vertical junto à

¹² Assim se referia relativamente às primeiras descobertas deste tipo José Leite de Vasconcelos (1906, p. 189).

sepultura de indivíduos com um estatuto diferenciado, identificando assim os restos mortais de chefes-guerreiros¹³.

M. Ruiz-Galvez Priego e E. Galán Domingo defendem para as estelas decoradas ou de guerreiro (subtipo II ou extremenhas) uma função de marcos de referência, visíveis na paisagem, assinalando recursos, vias de passagem ou limites territoriais de um grupo determinado (1991). Segundo estes autores poderão estar relacionadas com o mundo funerário, não no sentido apenas da indicação da sepultura, mas antes no sentido de comemoração ou heroificação do defunto, o que pode transpôr-se para o mundo orientalizante de época ibérica onde os monumentos funerários se utilizam como referências visíveis na paisagem para aqueles que se deslocam por um território. (RIZ-GALVEZ PRIEGO & GALÁN DOMINGO, 1991, p. 271).

Quadro I. Estátua-menir de Corgas – principais descritores (utilizados por M. V. Gomes para as estelas do “tipo alentejano”-2006).

Proveniência	Corgas
Freguesia	Donas
Concelho	Fundão
Distrito	Castelo Branco
Altura	2,80m
Largura	0,65m
Suporte	granodiorito
Técnica	Relevo e gravura
Conservação	Completa
Ancoriforme	X
Espada	X
Correias	X
Covinha	X
Totais	4
Subtipo	A

Esta interpretação válida para as estelas de tipo extremenhas, poderá em nosso entender, ser também uma hipótese de trabalho para alguns casos das estelas de Tipo I, como o exemplar de Corgas que agora apresentamos. Como já referimos, cremos tratar-se de um menir decorado com uma covinha durante o Neolítico-Calcolítico que em época posterior (Idade do Bronze) foi reaproveitado, esculpindo-se nele a figura de um chefe guerreiro com os seus atributos e símbolos de poder. Amplamente desenvolvidas na arte megalítica, as covinhas perduraram até à Idade do Bronze, ainda que possivelmente com funções e significados diferentes ao longo do

¹³ Comprovado pelo autor na necrópole da Alfarrobeira, com estela associada a sepultura sem *tumulus* (1994, p. 25-30).

tempo. Nas chamadas estelas de tipo alentejano este motivo não está presente, existindo apenas em dois exemplares, Castro Verde e S. Salvador, um motivo circular.

Às vinte cinco estelas completas ou fragmentadas conhecidas como estelas alentejanas ou de tipo I, enquadráveis na Idade do Bronze Médio do Sul de Portugal ou II Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular, junta-se agora este monumento encontrado no concelho do Fundão. Com alguma diferença a nível formal, pois aqui estamos na presença de uma estátua-menir e na maioria dos outros casos (exceptuando Alfarrobeira e Passadeiras), tratam-se de lajes.

Até à descoberta do exemplar que agora publicamos o achado localizado mais a norte desta cultura correspondia à estela da Tapada da Moita, já no distrito de Portalegre. Assim, o achado da estátua-menir de Corgas levanta também outras questões relativas quer à delimitação espacial da diversidade regional da Idade do Bronze da Península Ibérica, quer à própria cronologia da mesma. Estaremos em presença da mesma cultura dos exemplares já conhecidos maioritariamente da região do Alentejo e Algarve ou numa fase de transição para a cultura que produziu as estelas decoradas ou de guerreiro do Bronze Final, das quais são conhecidos alguns exemplares na Beira Interior? Ou à semelhança da estela de El Torcal, interpretada recentemente como estátua-menir, poderemos estar em presença de um fenómeno mais heterogéneo, em que à medida que nos distanciamos da zona tradicional das estelas alentejanas, encontramos características específicas diferenciadas que poderão indicar outras funções e significados para estes monumentos?

Para os autores que estudaram a estátua-menir de Ataúdes, a dimensão deste tipo de monumentos e a forma como seriam posicionados indica que foram concebidos para serem vistos, constituindo assim referências de algo e ou para alguém (VILAÇA *et al.*, 2000, p. 79). Deste modo, é verosímil a sua associação a lugares de passagem, mas também credível a sua função protectora, expressa na forte carga simbólica dos elementos figurados. A localização do achado de Corgas, que cremos a poucos metros da posição original, remete-nos para este tipo de interpretações. Em plena Cova da Beira, mas aproximando-se já do corredor plano que permite a saída desta zona rodeada de elevações. A escolha do local de implantação não seria certamente ocasional e estaria provavelmente ligada à sinalização de percursos de passagem (quem sabe ligados à transumância), numa estreita ligação com o carácter simbólico e mesmo sagrado que o monumento e o seu espaço envolvente encerram.

Em nosso entender, a descoberta da estátua-menir de Corgas e os estudos que dela se poderão fazer, contribuirão certamente para trazer algum conhecimento deste período nesta região e também para aprofundar e reequacionar algumas questões sobre a Idade do Bronze na Península Ibérica¹⁴.

¹⁴ Gostaríamos ainda de deixar um especial agradecimento ao Arquitecto Mário Varela Gomes pela disponibilidade, palavras de incentivo e sugestões que nos deu na elaboração deste artigo. Agradecemos igualmente à Prof^a. Dra. Raquel Vilaça a atenção dispensada e as sugestões dadas na finalização deste texto.

Bibliografia

- ALMAGRO BASH, M. (1966). *Las Estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Biblioteca Praehistorica Hispana. Vol. VIII).
- BUENO RAMIREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R., BARROSO BERMEJO, R. (2005). *Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique*. *L'anthropologie*. 109, [S. l.], p. 577-640.
- CANO NAVAS, M. L. (1977). *Una estela de tipo alentejano en la provincia de Córdoba*. *Trabajos de Prehistoria*, 34, p. 331-337.
- CURADO, F. P. (1984). *Uma nova estela do Bronze Final na Beira Alta*. *Arqueologia*. Porto. 9, p. 81-85.
- CURADO, F. P. (1986). *Mais uma estela do Bronze Final na Beira Alta (Fóios, Sabugal, Guarda)*. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 103-109.
- GOMES, M. V. (1994). *A Necrópole de Alfaroqueira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb; 2).
- GOMES, M. V. (1995). *As Denominadas «Estelas Alentejanas»*. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 135.
- GOMES, M. V. (2006). *Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular – A iconografia do poder*. In *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (O Arqueólogo Português; suplemento 3), p. 47-62.
- GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1977). *Las estelas decoradas do Pomar (Beja-Portugal). Estudio comparado*. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 34, p. 165-204.
- HELENO, M. (1933). *Tampas sepulcrais insculturadas da época do bronze*. *O Archeologo Português*. Lisboa. 29, p.186-189.
- JORGE, V. O. (1995a). *Estela de Longroiva*. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 22.
- JORGE; V. O. (1995b). *Estátua-menir de Chaves*. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 26.
- MONTEIRO, J. (1978). *Pequena história de um Museu. Fundo e Catálogo. Carta Arqueológica do Concelho do Fundão*. Lisboa.
- MUÑIZ JAEN, I. (1995). *Nuevo descubrimiento en la estela de “El Torcal”. Estela de tipo alentejano o estatua-menhir?* *Antiquitas*. 6, Museo Histórico Municipal Priego de Córdoba, p. 15-28.
- OLIVEIRA, J. (1995). *A Estela Decorada da Tapada da Moita*. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p.100-101.

- RODRIGUES, A. V. (1958). **Estela da Idade do Bronze encontrada em Meimão (Penamacor)**, *Zephyrus*. Salamanca. IX (2), p. 225-226.
- RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M. & GALAN DOMINGO, E. (1991). **Las Estelas del Suroeste como Hitos de Vías Ganaderas y Rutas Comerciales**. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 48, p. 257-273.
- SANCHES, M. J. (1995). **Estátua-menir de Bouça**. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 26.
- SILVA, A. C. F. & GOMES, M. V. (1994). **Proto-História de Portugal**. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, M. D. O. (2000). **Estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinhaga, Guarda)**. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 8, p. 229-236.
- VASCONCELOS, J. L. (1906). **Estudos sobre a época do bronze em Portugal**. *O Archeologo Português*. Lisboa. 11, p. 179-189.
- VASCONCELOS, J. L. (1908). **Estudos sobre a época do bronze em Portugal**. *O Archeologo Português*. Lisboa. 13, pp. 300-313.
- VIANA, A. & RIBEIRO, F. N. (1957). **Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo**. *Separata do vol. XIII do Arquivo de Beja*.
- VILAÇA, R. (1995a). **Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze**. Lisboa: IPPAAR (Trabalhos de Arqueologia. 9).
- VILAÇA, R. (1995b). **A Idade do Bronze na Beira Baixa**. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 127-129.
- VILAÇA, R. (2007). **A Idade do Bronze**. In *Museu Arqueológico Municipal José Monteiro - Catálogo*. Fundão, p. 39-44.
- VILAÇA, R., SANTOS, A. T., PORFÍRIO, E., MARQUES, J. N., CORREIA, M., CANAS, N. (2000). **O povoamento do I milénio A.C. na área do concelho do Fundão: pistas de aproximação ao seu conhecimento**. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8, p. 187-219.
- VILAÇA, R., CRUZ, D. J., SANTOS, A. T., MARQUES, J. N. (2001). **A estátua-menir de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional**. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 9, p. 69-82.